

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Alícia Antonia Teixeira Troian

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL DO  
PNLD 2018 LITERÁRIO**

Porto Alegre  
1. Semestre  
2024

Alícia Antonia Teixeira Troian

## **REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL DO PNLD 2018 LITERÁRIO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra dos Santos Andrade

Porto Alegre  
1. Semestre  
2024

Alicia Antonia Teixeira Troian

**REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA INFANTIL DO PNL D 2018  
LITERÁRIO**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone Santos de Albuquerque  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sandra dos Santos Andrade  
Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Bianca Salazar Guizzo  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marília Forgearini Nunes  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais, Luceli e Cleiton, e a minha madrinha Iomara, por sempre me presentarem com livros e criarem momentos de contação de história, e, assim, despertarem minha paixão pela literatura. À minha irmã, Lelícia, por sempre ter sido uma inspiração de pessoa e de leitora. Por sempre compartilhar comigo pensamentos e reflexões que me ajudam a compreender quem sou e quais são meus ideais. Ao meu namorado, Gustavo, por ser todo o carinho que eu precisei neste momento.

À todas as minhas amizades feitas no curso de Pedagogia e na UFRGS, agradeço por todos os momentos de dúvidas, ansiedades, emoções, felicidades, nervosismos e orgulhos que vieram com a produção deste trabalho de curso. À Nila, por me lembrar de quem eu sou. À Vitória e a Cláudia pelo grande apoio na pesquisa e por serem minhas inspirações neste meio. À Vi, pelos momentos de desabafos acompanhado por café com leite. À Mirhiã por compartilhar esse momento tão delicado e emocionante. E em especial, à minha grande amiga, meu achado da pedagogia, Larissa, por ser o apoio que precisei em tantos momentos, por ser uma amiga incrível, por não me deixar desistir, mas me entender caso isso acontecesse - e não aconteceu!

A todas as minhas professoras e aos meus professores, da educação infantil à graduação, carrego em mim as marcas positivas que vocês deixaram.

À minha orientadora, Sandra, por acreditar e confiar em mim. Por toda a paciência e compreensão durante esse quase um ano de orientação. Por todo o apoio e incentivo. E por me apresentar a pesquisa e caminhos incríveis nos quais posso seguir.

À banca, gostaria de agradecer à Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Forgearini Nunes e à Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bianca Salazar Guizzo por terem aceitado fazer parte da minha banca e pela leitura atenciosa. É uma honra ser lida por vocês!

Por fim, às crianças da minha vida, Maria Elisa, Theo, Clara e Dudu, por me inspirarem a continuar lendo histórias para crianças.

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema as representações de gênero na literatura infantil brasileira, em específico, nos livros selecionados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2018. O objetivo geral da pesquisa é analisar as representações de gênero e seus significados a partir das narrativas e ilustrações em livros literários selecionados no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) Literário. Com base neste objetivo, surgiu o seguinte objetivo específico: perceber se os livros apresentam rupturas com os modelos mais tradicionais de representação de gênero, e se outros modos de dizer sobre o feminino vêm se colocando na literatura. A pesquisa foi feita na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, sendo o conceito de representação a ferramenta analítica central, para a realização da análise cultural. Os principais autores utilizados no trabalho foram Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Louro, Joan Scott. O material empírico da pesquisa são 6 livros do acervo do PNLD, objeto literário de 2018: Lorotas e Fofocas (2013); Molicha (2014); Alafiá e a Pantera que Tinha Olhos de Rubi (2015); A Menina Furacão e o Menino Esponja (2017); Pinóquia (2017); e Apuka (2018). A análise abrange tanto as narrativas verbais quanto às ilustrações dos livros, buscando compreender significados atribuídos às representações de gênero. Os resultados indicam que, embora as representações de gênero nos livros literários ainda preservem características clássicas, como a associação das meninas à maternidade e ao cuidado, e dos meninos ao poder e à liderança, algumas rupturas são observadas. Infelizmente, o trabalho conclui que, apesar de algumas mudanças, a literatura infantil analisada ainda carece de diversidade nas representações de gênero. Para que todas as crianças possam se ver refletidas nas histórias que leem ou ouvem, é fundamental que novas narrativas sejam incluídas e visibilizadas nos livros que compõem acervos de literatura presentes nas escolas públicas.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Representação. Gênero. Identidade. Estudos Culturais.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do livro <i>Lorotas e Fofocas</i>	30
Figura 2 - Capa do livro <i>Molicha</i>	31
Figura 3 - Capa do livro <i>Alafiá e a Pantera que Tinha Olhos de Rubi</i>	32
Figura 4 - Capa do livro <i>A Menina Furacão e o Menino Esponja</i>	33
Figura 5 - Capa do livro <i>Pinóquia</i>	34
Figura 6 - Capa do livro <i>Apuka</i> .	35
Figura 7 - Páginas 32 e 33 do livro <i>Pinóquia</i> .....	36
Figura 8 - Páginas 8 e 9 do livro <i>Alafiá e a Pantera que Tinha Olhos de Rubi</i> .....	37
Figura 9 - Páginas 16 e 17 do livro <i>Lorotas e fofocas</i> .....	38
Figura 10- Páginas 18 e 19 do livro <i>MF&amp;ME</i> .....	39
Figura 11 - Páginas 14 e 15 do livro <i>Apuka</i> .....	40
Figura 12 - Páginas 38 e 39 do livro <i>Pinóquia</i> .....	41
Figura 13 - Páginas 10 e 11 do livro <i>Apuka</i> .....	41
Figura 14 - Páginas 6 e 7 do livro <i>Molicha</i> .....	42

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro I - Revisão da Literatura Acadêmica sobre literatura infantil e gênero.....	10
Quadro II - Livros de Literatura infantil selecionados para análise .....	27

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS DE GÊNERO</b>	
122.1 A PESQUISA ACADÊMICA SOBRE LITERATURA INFANTIL: REVISÃO DE LITERATURA ACADÊMICA	15
<b>3. LITERATURA INFANTIL</b>	<b>24</b>
<b>4. SELEÇÃO E REUNIÃO DO MATERIAL EMPÍRICO: OS LIVROS DO PNLD</b>	<b>26</b>
4.1 PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO	27
4.2 UMA BREVE APRESENTAÇÃO DOS LIVROS	28
<b>5. A ANÁLISE DOS LIVROS</b>	<b>35</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>455</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Desde criança fui rodeada de livros, histórias e mundos imaginários para explorar. Com muito incentivo familiar, a literatura se tornou extremamente importante para o desenvolvimento de minha identidade. Sempre fui leitora e contadora de histórias, atraída por aquelas nas quais mais me via representada. Ou seja, as histórias que me ofereciam mais elementos de identificação, como “Alice no País das Maravilhas” (Lewis Carroll), uma protagonista menina que explorava mundos desconhecidos. Durante minha adolescência, os livros se tornaram, muitas vezes, refúgios, lugares em que eu poderia adentrar e fugir da vida real, por exemplo as sagas “Instrumentos Mortais” (Cassandra Clare, 2007) e “A Seleção” (Kiera Cass, 2012), com protagonistas femininas que lutavam pelos seus ideais e pelo mundo em que acreditavam.

O início da minha graduação em Pedagogia, em 2020, foi marcado por um momento em que eu também precisei fugir da realidade, a Pandemia de COVID-19<sup>1</sup>. Mas com todas as leituras acadêmicas que foram surgindo, minha leitura deleite foi sendo deixada cada vez mais de lado. Até que, já passada a pandemia, em 2022, na cadeira de “Literatura, Leitura e Linguagens”, com a professora Marília Forgearini Nunes, o amor pelos livros e histórias se reacendeu dentro de mim. Ver a paixão que a professora e as colegas tinham pela literatura, paixão essa que eu também compartilhava, me fez perceber como eu queria explorar mais ainda esse mundo, principalmente o dedicado às infâncias.

Aqui, eu já sabia que queria, de alguma forma, analisar livros e literatura para as infâncias no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Mas como eu cheguei nas representações de gênero e na figura feminina? A percepção sobre as divergências na sociedade entre as mulheres e os homens sempre fez parte da minha vida. Eu nasci e cresci em Bento Gonçalves, uma cidade da Serra Gaúcha que tem a fama de ser extremamente conservadora. Bem, essa característica não fica só na fama: nas últimas eleições municipais nem uma única mulher foi eleita para a câmara de vereadores, por exemplo.

Apesar de ser filha de uma mulher batalhadora que sempre defendeu e também me ensinou a defender os direitos das mulheres, eu ainda vivia rodeada de pessoas

---

<sup>1</sup> A COVID-19 teve seus primeiros registros no final de 2019, se intensificando em 2020, resultando em uma pandemia. Para conter o vírus a OMS decretou a necessidade de lockdown.

com pensamentos sexistas. Assim, sempre foi uma característica minha não ficar calada quando percebia as diferenças de tratamento entre homens e mulheres. Sair da Serra e encontrar pessoas que pensavam como eu foi extremamente libertador, mas não foi a primeira vez que encontrei essas pessoas, eu já havia me encontrado com elas em livros e histórias.

Então, a escolha por analisar como a figura feminina vem sendo representada na literatura infantil atual surge como interesse de pesquisa porque, para mim - e muitas outras -, como mulher cis, branca, classe média, a representação em livros e filmes foram extremamente importantes para construir minha identidade. Sempre foi muito valioso poder ter representações de meninas/mulheres semelhantes a mim em histórias de conquistas, aventuras e empoderamento onde, normalmente, eu via homens e meninos brancos sendo os protagonistas. Isso também me faz refletir sobre quais são as identidades presentes nos livros. São variadas? Ou ainda permanecem as mesmas, com poucas mudanças? E as outras mulheres/meninas, também se viam representadas nos livros?

No entanto, hoje entendo que outras identidades pouco faziam parte da literatura, e tenho como hipótese, que ainda não protagonizam os livros infantis que circulam pelas escolas brasileiras. Também acredito que as relações de gênero visibilizadas ainda são problemáticas, pois o protagonismo ainda é majoritariamente masculino, uma masculinidade branca, hétero e de classe média. Joan Scott, afirma que gênero é uma forma de decodificação dos sentidos sociais e culturais e de compreensão das relações complexas entre as diversas interações humanas (SCOTT, 1989, p. 89). Além disso, Scott também situa que o significado de gênero não é fixo, e “[...] deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também a classe e a raça.” (*Ibid.*, p. 93).

Os livros de literatura infantil são um importante artefato cultural para a construção identitária dos sujeitos na infância, já que servem como fonte de aprendizado sobre as normas da sociedade em que vivem. A representação - neste caso em livros infantis - é de suma importância para a nossa compreensão como sujeitos e para a nossa construção identitária. Kathryn Woodward explica, em “Identidade e diferença”, que a representação inclui práticas de significação e sistemas simbólicos que produzem significados, e “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que

somos.”(Silva; Hall; Woodward, 2000, p.17), ou seja, assim são estabelecidas identidades individuais e coletivas através das representações construídas nas culturas.

Pensando que livros literários estão presentes na vida das crianças e no cotidiano das escolas, e que as narrativas e ilustrações desses livros contribuem tanto para produzir quanto para reproduzir representações de como devemos ser (nos tornarmos) mulheres e homens em nossa cultura, tenho como objetivo **analisar as representações de gênero e seus significados a partir das narrativas e ilustrações em livros literários selecionados no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) Literário**. Para dar conta deste objetivo, a pergunta deste trabalho de pesquisa é: *“Que representações de gênero, em especial do feminino, têm sido produzidas e veiculadas na literatura infantil apresentada às crianças das escolas brasileiras através do Programa Nacional do Livro e do Material Didático em seu objeto literário?”*.

A partir do objetivo geral, da pergunta de pesquisa e da pergunta de desdobramento, surgiu o objetivo específico para esta pesquisa: perceber se os livros apresentam rupturas com os modelos mais tradicionais de representação de gênero, e se outros modos de dizer sobre o feminino vêm se colocando na literatura.

## 2. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS DE GÊNERO

A pesquisa deste trabalho tem abordagem qualitativa e a metodologia utilizada é a análise cultural de livros de literatura infantil. A análise cultural “permite ao pesquisador identificar as diversas formas de negociação, dominação e resistência existentes entre a esfera da produção e da recepção, [...]” (Filho; Nunes, 2023, p.9) Tem como objeto de estudo livros de literatura infantil do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) Literário selecionados para compor o acervo de 2018. A perspectiva teórica a qual o trabalho se filia é a dos Estudos Culturais (EC).

Os EC surgiram no século XX, no pós-guerra na Inglaterra, ao final da década de 1950, com teorias de problematização da cultura. Antes disso eram consideradas culturais as práticas da elite, pertencendo a eles o domínio exclusivo do que era ou não cultural. Mas as culturas das multidões foram gradativamente ganhando espaço. “Em sua flexão plural – culturas – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido.” (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p.36), assim a teoria cultural ganhou novas ideias e questionamentos.

Os Estudos Culturais desenvolvem uma nova teorização sobre a cultura e o modo de olhar analiticamente para ela, como uma forma de produção e criação que contemplasse diferentes metodologias, que juntas fossem capazes de auxiliar para encontrar respostas às questões levantadas. Os EC “[...] percorrem [diferentes] disciplinas e metodologias para dar conta de suas preocupações, motivações e interesses teóricos e políticos.” (*Ibid.*, p. 40).

Para os EC não há barreiras entre as teorias que impeçam o pesquisador de utilizar diferentes metodologias. O importante é construí-las “[...] de modo claro e compatível porque precisamos que nossas lutas por construir outras perguntas e outros pensamentos na educação e na saúde sejam mais compreensíveis.” (Meyer, 2021, p. 19). Assim, os EC surgem

[...] em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. (Costa; Silveira; Sommer, 2003, p. 37)

Então, os EC buscam romper com uma lógica cristalizada, e buscam diferentes formas de abordar, problematizar e refletir, em convergência com diversas teorias. Aos EC atribui-se “[...] uma vocação para transitar por variados universos simbólicos e culturais, por vários campos temáticos e teorias, encontrando portos de ancoragem onde se deixam ficar e começam a produzir novas problematizações.” (*Ibid.*, p. 40).

É importante ressaltar, que apesar da possibilidade de transição que os EC proporcionam, eles o objetivo não é ser uma teoria simplista, já que exige ordem para que a movimentação seja “[...] para multiplicar sentidos, formas, lutas” (Meyer, 2021, p.19).

Pensando nas diversas possibilidades que os Estudos Culturais proporcionam, neste trabalho de pesquisa escolhi realizar uma análise cultural dos livros de literatura infantil considerados aqui como artefatos culturais. Para esta pesquisa assumimos o sentido de artefatos culturais como “objetos” que carregam símbolos e significados que dão sentidos às práticas e às relações sociais, nas palavras de Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 38) “[...] são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas.”.

Segundo Hall, “Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura” (Hall, [1997] 2016, p. 31). A representação exerce um papel simbólico para categorizar o mundo e as nossas relações dentro dele, por conseguinte, tem importância direta na construção das identidades, já que esses sentidos representados são o que nos fazem desenvolver nossa noção de identidade, ou seja, o que somos e a quem pertencemos (*Ibid.*, p. 21). Hall esclarece que é dessa forma que as representações de sentidos e significados se conectam a questões sobre como a cultura é utilizada para restringir ou preservar a identidade dentro de um grupo e sobre as diferenças entre grupos (*Ibid.*, p. 21).

Identidade e diferença são termos que, para os EC, andam em conjunto, um depende do outro, um não existe sem o outro. Isso porque as sociedades “[...] são caracterizadas pela ‘diferença’; elas são atravessadas por diferentes divisões antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’ - isto é, identidades - para os indivíduos.” (Hall, 2006, p.17). Nossa identidade é construída não apenas pelo que afirmamos ser, mas também pelo que nos distingue. Além disso, é importante evidenciar que identidade e diferença são construídas na

cultura, não são inatas e não estão “prontas”, acabadas, estão constantemente em um processo de produção, em andamento, portanto:

A identidade e a diferença tem que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (Silva, 2014, p.76)

Identidade e diferença também estão sujeitas às relações de poder, “Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (Silva, 2014, p.81). Por meio da representação e de artefatos culturais as relações de poder são exercidas, moldando significados e sentidos, por fim, influenciando na construção da identidade e da diferença. Portanto, “A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimétricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais.” (*Ibid.*, p.81).

Gênero é uma característica constituinte à identidade. Assim como ela, gênero não é algo fixo, imutável, mas sim variável, seus aspectos modificam-se conforme a sociedade, momento histórico, diferentes contextos e grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe). Gênero é a forma como as sociedades reconhecem e representam as relações sociais, em especial as femininas e masculinas, por mais que estas não sejam as únicas. Se refere às construções sociais das diferenças, gênero “[...] é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (Scott, 1995, p. 21). É importante pensar o conceito de “[...] modo plural acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (Louro, 1997, p. 23). Assim,

[...] o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (Scott, 1995, p.75)

As relações de gênero são atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas e o sujeito, assim, vai construindo-se. As identidades, incluindo as de gênero, são múltiplas, plurais e se transformam. Desse modo, é possível desfazer a lógica dicotômica do binarismo biológico, de oposição de dominante e dominado - masculino e feminino. Como afirma Louro (1997), é por meio

dessa lógica que o poder é exercido pelos sujeitos. No entanto, nesse processo de desconstrução da lógica do binarismo, é possível perturbar essa visão de via única das relações de poder e observar que o poder se exerce em múltiplas direções (*Ibid*, p. 33).

Ao iniciar esta pesquisa, minhas hipóteses eram de que as representações de gênero apresentadas nos livros de literatura infantil disponibilizados às crianças, não contemplariam outras identidades de gênero, apesar disso, que as que já estavam presentes não seriam reproduções de representações típicas. Para descobrir se minha hipótese estava correta ou não, analisei os discursos e imagens de seis livros do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD Literário do ano de 2018).

## 2.1 A PESQUISA ACADÊMICA SOBRE LITERATURA INFANTIL: REVISÃO DE LITERATURA ACADÊMICA

Para produzir a revisão bibliográfica da pesquisa, inicialmente, definiu-se quais descritores seriam utilizados na revisão: “literatura infantil” e “gênero”, com o intuito de encontrar trabalhos que se aproximassem da minha temática de pesquisa. A partir disso, selecionei as plataformas Lume e Periódicos CAPES como sítios de busca. Fiz então a primeira pesquisa utilizando os descritores e plataformas referidos. Encontrei 6551 trabalhos no Lume e 721 no Periódicos CAPES. Em função do volume de trabalhos, optei por não pesquisar em outras plataformas. Não havia utilizado filtro de tempo de publicação, pois foram encontrados trabalhos associados ao tema de pesquisa deste Trabalho de Curso (TC), a partir do ano de 2006 até 2022. Para selecionar os trabalhos destas plataformas, comecei filtrando pelos títulos e palavras-chave apresentados nos trabalhos. Na plataforma Lume, por volta da sexta página, percebi que os títulos já não se aproximavam de forma alguma da minha pesquisa, de forma que parei a análise.

Nesta etapa, resolvi adicionar o descritor “livro infantil” para verificar se teria novos resultados, o que não aconteceu, então mantive os descritores iniciais. Como percebi que apesar do grande volume de achados, os que se aproximavam da minha pesquisa eram poucos trabalhos, então para aproximar mais os resultados ao tema da minha pesquisa, nesta etapa resolvi ampliar o número de plataformas, selecionando o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital

Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Somando os resultados de todas as plataformas, foram encontrados, no total, 8.104 trabalhos, sendo 6551 no Lume, 721 no Periódico CAPES, 392 no Catálogo de teses e dissertações CAPES e 419 na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Depois, novamente, realizei a busca filtrando por títulos e palavras-chave e passei a analisar também, os resumos dos artigos, teses e dissertações, presentes nas próprias plataformas.

Para melhorar o filtro de tempo, encontrando trabalhos mais recentes, incluí o recorte temporal ampliado para 2006 e finalizando em 2023. Acrescentei também os descritores “estudos culturais”, “representação” e “análise cultural”. Com estes filtros novos foram encontrados 1362 no Lume, 10 no Periódicos CAPES, 12 no Catálogo de Teses e Dissertações CAPES e 10 na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Por fim, o último filtro realizado nesta parte inicial foi a leitura dos resumos. Assim, foram selecionadas as doze pesquisas que melhor se relacionam com o meu tema para leitura na íntegra.

Quadro I - Descritores: Literatura infantil, gênero, estudos culturais, representação e análise cultural

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Categoria</b>	<b>Plataforma</b>
Recontando clássicos sob a ótica dos estudos de gênero	Gomes, Fabiana de Oliveira	2022	Trabalho de Conclusão de Graduação	Lume
Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea	Costa, Vanessa Rosa da	2020	Dissertação	Lume
Um olhar para a subversão dos ditames de gênero na literatura infantil	Ramos, Edimauro Matheus Carriel; Gonçalves, Aracely Mehl	2019	Artigo	Periódico CAPES
Literatura destinada às crianças: uma possível discussão de gênero	Segala, Ivonete; Juliano, Dilma Beatriz	2019	Artigo	Periódico CAPES
"E o prêmio vai para...": os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década	Botton, Andressa	2011	Dissertação	Periódico CAPES
Gênero e sexualidade na literatura infantil : mapeando resistências	Tavares, Evelize Cristina Cit	2009	Dissertação	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

O mundo na caixa : gênero e raça : no Programa Nacional Biblioteca da Escola : 1999	Kaercher, Gládis Elise Pereira da Silva	2006	Tese	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
Representações de gênero na literatura infantil de quatro livros do PNBE	Silva, Aline Eloisa da	2016	Trabalho de Conclusão de Especialização	Lume
Representações do feminino : a literatura infantil de guerra aos estereótipos de princesas ocidentais clássicas	Bolten, Vitória Tiggemann	2019	Trabalho de Conclusão de Graduação	Lume
A Re/des/construção da identidade feminina em narrativas infantis e juvenis de Ana Maria Machado	ROSELI MEIRA GOMES ROCHA	2020	Dissertação	Catálogo de Teses e Dissertações
Meninas negras na literatura infantil: infâncias, identidades e representatividades	Chaves, Rosa Silvia Lopes	2023	Tese	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
A representação da figura feminina em contos populares e em narrativas infantis contemporâneas	Destefane, Kelly Stedile	2023	Dissertação	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

Fonte: Elaborado pela autora

Os últimos filtros utilizados, depois da leitura dos títulos e resumos, foram a leitura dos subtítulos dos capítulos dos trabalhos, a leitura na íntegra dos artigos e a leitura das introduções e conclusões dos demais trabalhos. A partir daqui, farei uma breve apresentação das pesquisas selecionadas na revisão bibliográfica.

Ao escolher investigar livros infantis de contos, Fabiana de Oliveira Gomes (2022), no primeiro texto aqui referenciado, traz para seu trabalho de conclusão do curso da Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma análise das possíveis rupturas de scripts de gênero. “Recontando clássicos sob a ótica dos estudos de gênero”, título que leva o trabalho, analisa obras de literatura infantil, mais especificamente uma coleção de releituras de contos de fadas clássicos, em busca de novas leituras para serem utilizadas nas salas de aula. Através da perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, a pesquisadora chega à conclusão de que os livros da coleção “A Revolução das Princesas” questionam padrões de feminilidades e masculinidades considerados normativos, trazendo novas formas de entender o que é “ser homem” e “ser mulher”.

A dissertação de mestrado em educação “Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea” de Vanessa Rosa da Costa (2020), realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, indaga o que a literatura infantil tem mostrado sobre meninas negras, como elas são representadas, visibilizadas e narradas. Ao discutir sobre o protagonismo de meninas negras em 10 livros destinados ao público infantil selecionados a partir da plataforma Geledés<sup>2</sup> e de acervo pessoal da autora, através do viés dos Estudos de Gênero, dos Estudos das Relações Étnico-Raciais e dos Estudos Culturais, identificou algumas transgressões ou o reforço das tradicionais expectativas em relação aos *scripts* de gênero. Costa conclui seu trabalho pontuando que há sim representatividade e empoderamento de meninas negras nos livros selecionados, apesar de que ainda existam outros aspectos que precisam ser mostrados e revistos, relacionados à família e a um padrão de gênero colocado sobre meninas negras. Por fim, destaca que o protagonismo de meninas negras nos livros infantis analisados é variado e é preciso apresentar às crianças histórias de literatura infantil diversificadas, com temas diferentes a serem abordados, permitindo que as crianças possam se reconhecer em diferentes pontos das histórias.

O terceiro texto, e primeiro artigo, “Um olhar para a subversão dos ditames de gênero na literatura infantil” de Edimauro M. C. Ramos e Aracely M. Gonçalves (2019) traz a percepção da importância de livros de literatura infantil que questionem o binarismo de gênero nas leituras feitas na Educação Infantil. Consideram livros infantis como ferramentas pedagógicas capazes de desestabilizar as representações de masculinidades e feminilidades. Analisam três obras de literatura infantil - “Olivia não Quer ser Princesa”, de Ian Falconer, “Ceci e o Vestido do Max”, de Thierry Lenain e “Menina não Entra”, de Telma Guimarães Castro Andrade, que quebram esses padrões de gênero, ressaltam a importância da conversa e reflexão após as leituras, incitando questionamentos e problematizações dessas relações para as crianças. Assim, finalizam ressaltando a importância do uso dessas ferramentas pedagógicas que contrapõem enredos normativos pelos docentes da Educação Infantil.

No quarto texto, “Literatura destinada às crianças: uma possível discussão de gênero”, ao colocar a literatura no papel de arte que possibilita proporcionar o encontro com respostas para indagações, Ivonete Segala e Dilma B. Juliano (2019), analisam

---

<sup>2</sup> Geledés é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais padecem de desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigente na sociedade brasileira. Acesso: <https://www.geledes.org.br/>

dois livros de autoria brasileira com reinos fictícios, que representam sociedades e que, ao fim, trazem reflexões sobre nosso próprio mundo. A análise foi focada na representação de gênero, debatendo durante o artigo sobre as histórias de dois reis e duas rainhas e seus papéis em suas sociedades fictícias. O primeiro livro traz uma sociedade mais parecida com a nossa, ou seja, patriarcal, com papéis de gênero definidos da forma como conhecemos, um rei que manda e desmanda e uma rainha que fica quieta, silenciada. E, ao fim, a rainha impõe suas opiniões e “salva” a história. Já o segundo livro, trata de um rei e uma rainha diferentes, que agem de maneira diferente no reino e têm papéis sociais distintos dos que conhecemos. O artigo conclui que existem literaturas contemporâneas, como as apresentadas, que questionam ou possibilitam o questionamento dos papéis de gênero sociais impostos.

A dissertação de mestrado em Psicologia Social, de Andressa Botton (2011), defendida no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, “‘E o prêmio vai para...’: os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década”, problematiza o binarismo sexual baseado no determinismo biológico em dez livros infantis, através do estudo das teorias de gênero feministas, num viés pós-estruturalista de análise, com o objetivo de compreender como as questões de gênero são representadas nestas obras, e se ou como contribuem para a manutenção de representações de gênero. A pesquisa de Botton foi dividida em dois artigos independentes um do outro, o primeiro trata da parte teórica da pesquisa e o segundo da parte metodológica e da análise. No primeiro artigo, Botton discorre sobre a história do conceito de infância e a história da literatura infantil no mundo e no Brasil. Segue explicando a influência dos livros na construção da identidade das crianças, como artefatos culturais. A autora apresentou conceitos como gênero e binarismo, no viés das teorias de gênero feministas pós-estruturalistas. Explicitou que é preciso problematizar a visão de gênero binária para poder desconstruí-la e, assim, entender que masculino e feminino são fruto de produções sociais. Para finalizar este primeiro artigo, Botton expõe que existem narrativas de literatura infantil com diferentes modelos para o exercício de masculinidades e feminilidades. O segundo artigo trata do estudo em si da pesquisa, que objetiva compreender como as questões de gênero são mostradas nos livros infantis e se/como contribuem para a manutenção das representações de gênero e posteriores atitudes de submissão das mulheres em relação à dominação masculina. O material empírico da pesquisa é composto por dez livros infantis premiados entre os anos 2001

a 2010 pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Os dados de análise foram os textos e as imagens dos livros. Apesar dos livros serem de enredos mais usuais e cotidianos, Botton conclui que, nas obras analisadas, encontraram-se representações de binarismo sexual e da heterossexualidade compulsória nas representações de gênero. A autora observou nas obras as figuras femininas subordinadas às masculinas, seguindo o patriarcado clássico. Apesar disso, declarou que houve três personagens que fugiram dos estereótipos, um menino sentimental e afetivo, uma menina esperta, ativa e corajosa e outra inteligente e curiosa, mas nem todos “viveram felizes para sempre” com suas características “diferentes”.

O texto 6 é uma dissertação de mestrado, realizada na Universidade Federal do Paraná, intitulada “Gênero e sexualidade na literatura infantil: mapeando resistências” com autoria de Evelize C. C. Tavares (2009). Através da perspectiva foucaultiana da análise do discurso, dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, analisa livros infantis que rompem com a representação do masculino e do feminino dentro da lógica do binarismo biológico e da sexualidade tida como hegemônica. A autora traz que os livros infantis que fogem desse modelo da lógica binária e da sexualidade hegemônica, dão a possibilidade para as crianças ampliarem suas visões de mundo e terem contato com modelos diferentes do padrão. A seleção dos livros para este trabalho começou com trezentos exemplares de bibliotecas da rede pública e privada da cidade de Curitiba, para, por fim, serem selecionados treze títulos. Entre os critérios de análise para a seleção das obras a serem estudadas estavam: o empoderamento e a ocupação do espaço público pela mulher, o sexismo, a diferença e a desigualdade entre homens e mulheres e o cruzamento das questões de gênero com questões de raça/etnia e classe. Para concluir, a autora constata que existem livros que fogem da norma binária e da sexualidade hegemônica, mas somente ter acesso a eles não é o suficiente para a reflexão, propondo a necessidade dos professores estudarem sobre gênero e sexualidade para que eles sejam capazes de realizar mediações assertivas de leitura, podendo então, gerar reflexão e novos olhares para o mundo.

A tese de Gládis E. P. da Silva Kaercher (2006), realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, “O mundo na caixa: gênero e raça: no Programa Nacional Biblioteca da Escola: 1999”, verifica as cento e dez obras do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) do ano de 1999, com objetivo de analisar as representações de gênero e raça. Para entender como as representações de

branquitude, negritude, masculinidade e feminilidade são articuladas, a autora baseia-se nos Estudos Culturais e Estudos de Gênero. Kaercher conclui que nas obras é possível perceber a promoção de representações de feminilidade, masculinidade, branquitude e negritude, de modo que haja uma fixidez que congela a identidade masculina branca como identidade padrão. A autora traz, ao fim da pesquisa, alguns dos termos que foram produzidos durante o trabalho como: reificação da branquitude, a identidade racial branca é apresentada como não-racial, estando a parte, como a identidade racial que importa; racialização da negritude, as representações de negritude no acervo do PNBE/99 operam de modo a clarear negros e negras; masculonormatização, ser homem é a principal característica dos personagens nas obras, a masculinidade é centralizada e posta em evidência; periferização da feminilidade, as identidades femininas sempre são postas em oposição às masculinas, secundarizando as mulheres, mesmo quando estas são protagonistas. Por fim, a autora complementa com a importância dos docentes de apreciar, criticar, interpretar as obras do PNBE e, a partir daí, posicionar os livros de forma pedagógica convidando, conquistando, instigando e desafiando as crianças e os jovens à leitura

O trabalho de conclusão de Especialização em Docência na Educação Infantil, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, “Representações de gênero na literatura infantil de quatro livros do PNBE”, de Aline E. da Silva (2016), elege quatro obras de literatura infantil do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) para analisar as representações de gênero presentes nestas literaturas. A seleção dos livros partiu inicialmente das obras disponíveis na biblioteca da escola em que a autora trabalhava. Podendo escolher entre os livros do PNBE que ainda se encontravam na escola e mantinham boas condições para a análise, Silva selecionou as quatro obras que continham temáticas que de maneira evidente eram relacionadas às representações do masculino e do feminino. Para a realização da análise dos livros, a autora observou tanto imagens quanto textos verbais, já que entende que a partir desta combinação de elementos que as representações vão sendo construídas. Finaliza ressaltando a importância da formação de professores voltadas para as questões de gênero e a importância dos livros infantis como instrumento pedagógico para a construção de uma visão mais humana.

Em seu trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulado “Representações do feminino: a literatura infantil de guerra aos estereótipos de princesas ocidentais clássicas”, Vitória T. Bolten (2019)

escolheu analisar a coleção de quatro livros "A revolução das princesas". O objetivo da pesquisa de Bolten foi analisar as representações do feminino que emergem na literatura contemporânea direcionada a crianças, questionando representações estereotipadas de princesas ocidentais clássicas. Para isso, a escolha da coleção se deu por esta mostrar um deslocamento de discursos sobre o gênero feminino, evidenciando esses deslocamentos ainda mais por se contrapor a contos de fadas clássicos e que permanecem frequentes. A autora chega à conclusão de que os livros da coleção podem ser organizados em três categorias de discursos: elas são corajosas e fortes; elas salvam os príncipes; e elas são livres para amar sem casar ao final da história. A autora conclui que as obras constituem-se como uma pedagogia cultural capaz de quebrar com as representações usuais do feminino e do masculino e que são importantes para ampliar o repertório das crianças, mostrando as personagens femininas que vão contra o sexismo e promovem igualdade de gênero.

Utilizando como aportes teórico-metodológicos os Estudos Culturais, a Crítica Feminista e a Teoria Semiollingüística de Charaudeau (1984), para identificar os imaginários sócio-discursivos em quatro livros de Ana Maria Machado, Roseli M. G. Rocha (2020), em sua dissertação de Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, de título "A re/des/construção da identidade feminina em narrativas infantis e juvenis de Ana Maria Machado", realizada na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, busca explicitar o papel da literatura infantil e juvenil de autoria feminina na consolidação de identidades femininas contemporâneas. As literaturas infantis de autoria feminina que buscam des/reconstruir identidades femininas questionando o modelo padrão têm importância para a autora, pois estimulam o protagonismo feminino e orientam a formação identitária de meninas. Os livros analisados falam sobre construção de identidade, autoconhecimento, independência e emancipação feminina. Concluindo seu trabalho, Rocha, ressalta que os livros são relevantes para o amadurecimento sociocultural dos leitores.

Rosa S. L. Chaves (2023), em sua tese de doutorado "Meninas negras na literatura infantil: infâncias, identidades e representatividades", realizada na Universidade Federal de São Paulo, objetiva refletir sobre o processo de valorização e fortalecimento das identidades das meninas negras, a partir de literaturas negras infantis contemporâneas. Esta pesquisa examina a literatura infantil negra contemporânea buscando refletir sobre o direito à representatividade das meninas negras (para a pesquisa de Chaves, representatividade está ligada ao direito das

crianças negras a se reconhecerem positivamente), pensando nelas como protagonistas. Durante a pesquisa, Chaves trouxe a problematização de obras como *Negrinha* de Monteiro Lobato (1920) e “Peppa”, de Silvana Rando (2010). A autora realizou entrevistas com mulheres negras, professoras da Educação Infantil, escritoras de literatura infantil e uma jovem rapper. Chaves chega à conclusão, ao entrevistar as professoras, de que a formação de professores é muito importante para uma educação antirracista, pois com ela surge a reflexão sobre a importância das escolhas pedagógicas a serem tomadas para realizar mudanças. Além disso, aponta também a importância de leis e políticas públicas para a diversificação de representações na educação. A autora também conclui que não é qualquer representação negra na literatura infantil que importa, aponta a importância das “*escrevivências*” (DUARTE, 2016) de forma que as autoras de literatura infantil negra expressem suas experiências no processo criativo literário, enriquecendo a valorização identitária com histórias que se entrelaçam, dialogam e ampliam o leque de significação. Conclui que houve importantes mudanças diante do silenciamento, a ocultação e a desumanização das identidades das meninas negras na literatura infantil e que as literaturas negras infantis podem ser ferramentas eficazes para combater as formas de sub-representação das meninas negras e contribuem para a Educação para as Relações Étnico Raciais na Educação Infantil.

Por fim, o último texto, “A representação da figura feminina em contos populares e em narrativas infantis contemporâneas” é a dissertação de mestrado de Kelly Stedile Destefane (2023), realizada na Universidade de Caxias do Sul. Para este texto, como ele não está disponível para acesso livre, foi possível somente analisar seu resumo. O trabalho verifica a figura feminina em quatro livros de contos populares e obras contemporâneas, descrevendo aspectos de inovação na representação feminina na literatura contemporânea em contraste com os clássicos. A autora conclui o resumo afirmando que a desconstrução da representação feminina dos clássicos é emancipadora.

### **3. LITERATURA INFANTIL**

Antes de prosseguir para a análise dos livros, é preciso falar um pouco sobre literatura infantil. Azevedo (1999) define a literatura como a arte das palavras, para complementar esta definição, destaco que a literatura infantil é a arte das palavras e,

também, das imagens, isso porque não podemos desconectar o texto verbal – palavras – do texto visual – imagens -, dessa forma, os significados das imagens estão ancorados aos significados dos textos, de forma que ambos juntos tenham significado completo Penn (2002). Então, apesar de ser algo que não deve ser reduzido a uma simples explicação, podemos pensar a literatura infantil como uma arte das palavras destinada às crianças. Livros de literatura vinculam-se à subjetividade, não precisam ser necessariamente utilitários.

Historicamente, é quando a infância passa a ser considerada uma fase da vida que os livros para as crianças surgem. Mas esses livros eram feitos com a moral da época, com objetivo de educar. Eram feitos por adultos, pensando no que seria útil que as crianças aprendessem, o que elas deviam ser e o que deveriam pensar, na visão dos adultos.

Com o passar do tempo, essa ideia vai mudando, e hoje já não vemos mais a literatura infantil dessa maneira, Ramos e Nunes (2016) explicam que “[...] a criança tem direito ao livro como um produto artístico-cultural e não moral. Esse entendimento traz a baila textos escritos em que predomina o caráter literário e não o doutrinário.” (Ramos; Nunes, 2016, p. 5).

No verbete do Glossário Ceale, a literatura infantil é caracterizada como um gênero literário definido pelo seu público alvo, em outras palavras, o público infantil. Também explicita que a literatura infantil não independe das concepções que a sociedade tem sobre as crianças e as infâncias, que literatura infantil “[...] constitui uma forma de comunicação que prevê a faixa etária do possível leitor, atende aos seus interesses e respeita as suas possibilidades.” (Cademartori, 2014, documento eletrônico).

Como nesta pesquisa entendemos os livros de literatura infantil como artefatos culturais, também entendemos que a literatura infantil é capaz de transmitir ideias e concepções da sociedade e das relações sociais para seus leitores. É um artefato cultural repleto de sentidos e significados sobre modos de vida, “São eles [livros de literatura infantil] que auxiliam na produção de crianças – mesmo que essa expressão soe estranha – conforme os modelos sociais ditam que elas precisam ser.” (Botton, 2011, p.26), e Botton ainda complementa citando Bujes, que:

Nessa perspectiva, Bujes (2001) revela que a criança é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto cultural, resultado das operações de diversos discursos que,

além de definir como devem ser as infâncias, divulgam e instituem o que esperamos delas. (Botton, 2011, p.26)

Apesar disto, também existem outras perspectivas de olhar para os livros de literatura, uma outra seria ver este gênero literário como um “[...] objeto cultural e afetivo que constitui crianças e adultos tanto como leitoras e leitores quanto como humanos, sensíveis a si mesmos e aos outros, visto que vivem em sociedade.” (Nunes, 2022, p. 55). De forma que ambos os modos de pensar literatura não se excluem. Para esta pesquisa, entendemos que livros de literatura infantil, artefatos culturais que indicam como as crianças devem interpretar e assumir as relações de gênero, são essenciais para a análise que foi realizada nesta pesquisa.

#### **4. SELEÇÃO E REUNIÃO DO MATERIAL EMPÍRICO: OS LIVROS DO PNLD**

A busca pelos livros de literatura infantil para a pesquisa começou pela preocupação de utilizar um acervo que poderia ser encontrado em qualquer escola dos Anos Iniciais da rede pública brasileira ou que, ao menos, tivesse sido destinado a um grande número do público infantil desta faixa etária. A partir desta decisão de pesquisa, o acervo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), considerando o objeto literário, surgiu como fonte de consulta.

O primeiro filtro necessário para a seleção dos livros do programa foi a escolha do acervo de literatura para as infâncias. O último acervo de livros de literatura que contemplava os Anos Iniciais foi o acervo de 2018<sup>3</sup>, sendo este o escolhido para análise por ser o mais atual. O segundo filtro foi a seleção dos livros em si, que funcionou da seguinte forma: o PNLD de 2018 possui um guia digital, que foi consultado. Este guia divide-se em três conjuntos, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. O conjunto do Ensino Fundamental divide-se em dois acervos: 1º ao 3º ano e 4º ao 5º ano. Somente o acervo do 1º ao 3º ano, que possui ao todo 220 obras, foi escolhido para ser a fonte de consulta desta pesquisa. O próximo passo foi olhar todos os livros deste acervo, e através das sinopses disponíveis no próprio acervo e no site da *Amazon*, selecionar os que pareciam compor da melhor forma o material empírico que pudesse responder à questão de pesquisa do trabalho aqui apresentado. Nesse processo foram descartados os livros que não se aproximavam de forma alguma à temática da pesquisa. Outro critério para a seleção, foi localizar livros em que a personagem principal fosse uma figura feminina. Além disso, foram descartados os livros que contivessem textos do gênero poema. Os gêneros romance e obras clássicas da literatura universal não tiveram livros pré-selecionados. Ao todo, foram 46 os livros pré-selecionados pelo programa dos gêneros: conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular, livros de imagens e livros de história em quadrinho, e memória, diário, biografia e relatos de experiência.

Depois desta etapa, as obras pré-selecionadas foram novamente analisadas através das capas, títulos, sinopses e leitura na íntegra. Alguns dos livros que haviam sido pré-selecionados foram descartados por serem livros somente de imagens, como “A Cuca de batom que dançava balé” de Adriana Felicissimo Santos. Ao fim, foi possível chegar a 6 livros para compor o material empírico para análise:

---

<sup>3</sup> Em teoria, já existe o acervo do PNLD Literário do ano de 2023, porém, este, ainda não foi publicizado ou chegou às escolas públicas de Educação Básica.

Quadro II - Livros de Literatura Infantil de 1º a 3º ano selecionados para análise

<b>Título</b>	<b>Data de publicação original</b>	<b>Data da edição analisada</b>
Lorotas e Fofocas	2013	2013
Molicha	2014	2014
Aláfia e a pantera que tinha olhos de rubi	2015	2018
A menina furacão e o menino esponja	2017	2017
Pinóquia	2017	2017 - impressão de 2023
Apuka	não encontrada	2ª edição – 2018

Fonte: Elaborado pela autora

#### 4.1 PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é o sucessor do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), que foi um programa que tinha como objetivo principal o acesso a cultura e incentivo à leitura, por meio de livros de literatura para escolas públicas da Educação Básica do país. O PNBE foi desenvolvido de 1997 a 2017 e os acervos variavam o público alvo entre as edições. Por exemplo, em 2013 a edição foi dedicada aos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, e em 2014, foi voltado para a Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação para Jovens e Adultos. Assim, a última edição do programa foi há cerca de dez anos atrás, e, buscando um material mais recente para análise na pesquisa, optou-se por trabalhar com o acervo do atual PNLD Literário.

Em 2017, com o Decreto nº 9.099, o PNLD passou a ser o programa responsável pela seleção de acervos de literatura a serem enviados para as escolas, os livros didáticos e literários agora passariam pela mesma forma de seleção.

A partir da publicação do Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi substituído pelo Programa PNLD Literário, tendo a unificação das ações de aquisições e distribuição de livros didáticos e literários, pelo qual as obras literárias passaram a ser submetidas aos mesmos processos dos livros didáticos, inclusive permitindo a escolha pelas escolas, processo que não era permitido em versões anteriores de aquisições literárias do PNBE. (Brasil, 2020)

A última edição que contemplou acervos de literatura para as infâncias dos Anos Iniciais foi o PNLD Literário de 2018. Neste ano foram disponibilizados para a Educação Infantil 147 obras, divididas em dois acervos, um destinado para a creche e o outro para a pré-escola. Dois acervos para o Ensino Médio, um dedicado a obras de Língua Portuguesa e outro às de Língua Inglesa, com um total de 190 obras. E, também, foram selecionados dois acervos para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com 400 obras no total, destinados ao 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano. O acervo escolhido para a análise no trabalho de conclusão, foi o do 1º ao 3º ano, com 220 obras, essa escolha se deu devido a uma preferência pessoal da autora pelo público destes anos do Ensino Fundamental.

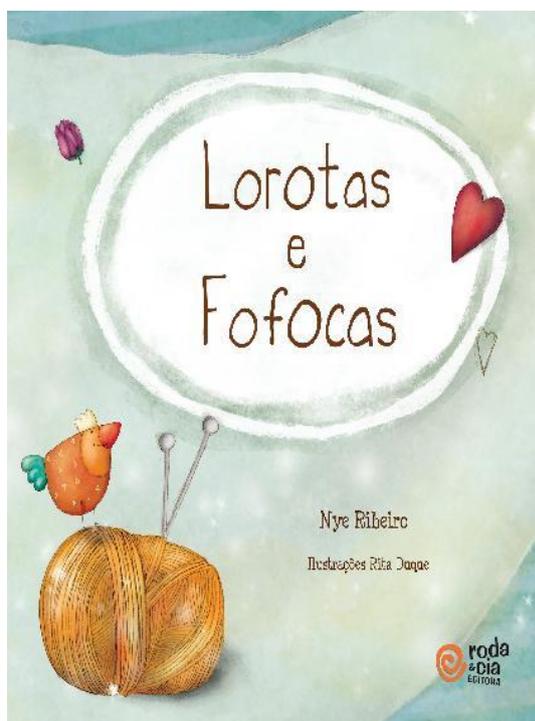
#### 4.2 UMA BREVE APRESENTAÇÃO DOS LIVROS

Para finalizar este capítulo, abro esta seção para apresentar os livros selecionados para análise. Acredito que seja importante ressaltar que, durante a escolha dos livros do PNLD literário 2018, foram encontrados quarenta e seis livros com personagens principais femininas - sendo o protagonismo da história dividido entre dois protagonistas ou não. Cinco destes livros são com protagonistas não humanos antropomorfizados, quatro tem protagonistas animais, um protagonista objetos (boneca/o) e um protagonista folclórico (Cuca). Dois livros possuem protagonistas com deficiências, oito com protagonistas racializadas, sendo duas protagonistas indígenas e seis protagonistas negras.

Neste subcapítulo, apresento as histórias contadas nos livros e aponto potenciais de análises relacionadas às representações de gênero presentes nas obras. O primeiro livro *Lorotas e Fofocas* (Figura 1), escrito por Nye Ribeiro e ilustrado por Rita Duque, foi publicado no ano de 2013 pela editora Roda e Cia. Essa é a história de duas amigas, Dona Maroca e Dona Marieta, que passam o tempo contando lorotas e fofocas. Em uma tarde, as duas amigas se encontram e passam a falar da vida alheia, até que Dona Sofia, outra amiga da dupla, passa por elas, as amigas a convidam para fofocar, mas esta recusa, pois está apressada e não tem tempo a perder. Com isto, Dona Maroca e Dona Marieta param de fofocar e seguem cada uma seu caminho. Neste livro, encontramos a figura feminina no lugar de pessoas fofoqueiras, uma característica geralmente atribuída às mulheres de forma negativa.

Essa negatividade está presente na história, pois a última personagem, também feminina, expressa que a fofoca é uma perda de tempo. Além disso, para ressaltar essas posições, as duas personagens “fofoqueiras” tem um visual despojado, enquanto a personagem “exemplar” está arrumada, maquiada, delicada como se, por não ser fofoqueira, fosse superior às outras duas mulheres.

Figura 1 - Capa do livro “Lorotas e Fofocas”

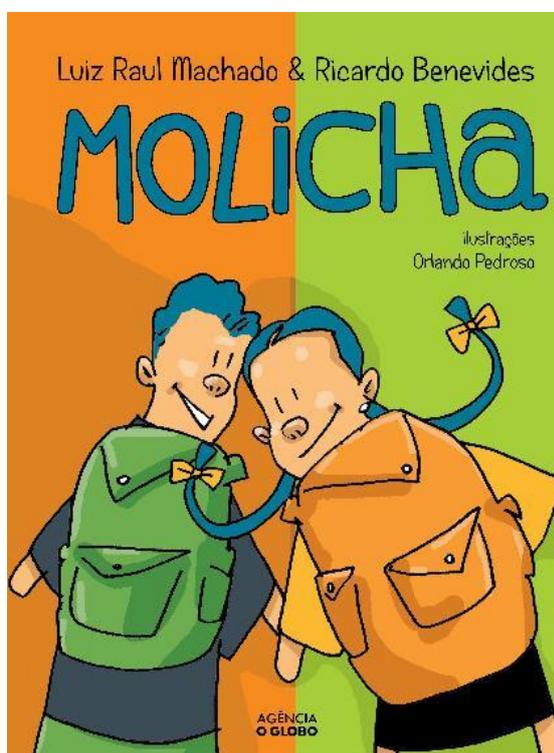


Fonte: Guia Digital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018 - Literário, 2018.

O segundo livro, *Molicha* (Figura 2), autoria de Luiz Raul Machado e Ricardo Benevides e ilustrado por Orlando Pedroso, foi publicado no ano de 2014 pela editora Globinho. Essa é a história de dois irmãos gêmeos, que são extremamente diferentes. O livro segue as crianças em suas rotinas do dia a dia, como vão à escola, o que gostam de fazer, suas cores e comidas preferidas. A narrativa também traz a mãe dos gêmeos e a preocupação e cuidado que ela tem com os filhos. O final da história é marcado com o monitor da escola errando a quem pertencia qual mochila, por que a mochila do menino tinha sapatilhas de balé, que ele praticava e a mochila da menina tinha chuteiras de futebol, que ela jogava. Nesta história temos dois personagens de gêneros diferentes, masculino e feminino, expressando seus interesses. A menina

parece ir contra representações típicas do feminino, odeia cor-de-rosa e joga videogames, o menino segue o mesmo caminho, praticando balé.

Figura 2: Capa do livro “Molicha”

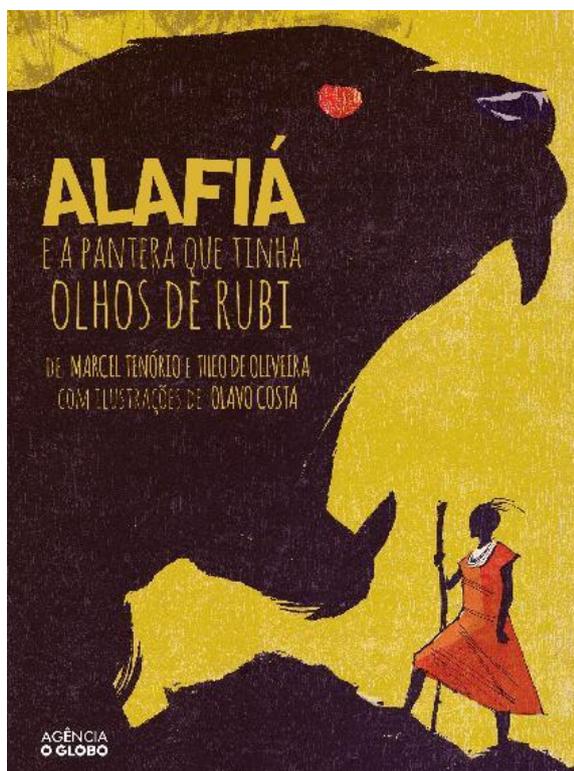


Fonte: Guia Digital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018 - Literário, 2018.

O terceiro livro *Alafiá e a Pantera que Tinha Olhos de Rubi* (Figura 3), escrito por Marcel Tenório e Theo de Oliveira, ilustrado por Olavo Costa, foi publicado no ano de 2015 pela editora Agência O Globo. Este livro conta a história de Alafiá, uma menina de belo sorriso que, certo dia, ouve uma lenda sobre uma pantera de olhos de rubi que presentearia uma criança de coração doce. Naquela noite, seu papagaio desaparece, e ao ir procurá-lo, Alafiá se depara com a pantera. Um trovão atinge um tronco em sua frente, e com seu cajado, Alafiá pegou a chama do trovão que surgiu em sua frente. Todos os animais da floresta aclamaram a garota, e quando voltou para sua aldeia, os anciãos agradeceram aos céus. Essa história traz uma menina que podemos perceber que é corajosa, bela e doce. Nesta história, existem características estereotipadas e outras que rompem com as representações dadas a Alafiá. Podemos interpretar essas características também para mostrar que mulheres doces podem ser fortes, que um adjetivo não anula o outro. É importante pensar que ela é uma garota

negra, então por vezes, a característica corajosa é dada às mulheres e meninas negras, pois é esperado que elas lutem mais e sejam mais fortes.

Figura 3: Capa do livro “Alafia e a pantera que tinha olhos de rubi”

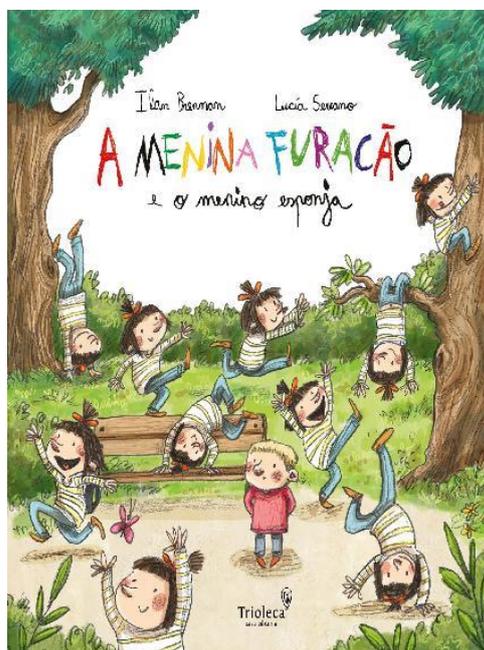


Fonte: Guia Digital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018 - Literário, 2018.

O quarto livro, *A Menina Furacão e o Menino Esponja* (MF&ME) (Figura 4), de autoria de Ilan Brenman e ilustração de Lucía Serrano, foi publicado no ano de 2017 pela editora Trioleca. Essa é a história de duas crianças opostas. Uma menina agitada, que não para quieta de forma alguma, inquieta e que sorri com intensidade e de um menino, calmo, cuidadoso e que prestava muita atenção ao seu redor. Ambos eram crianças inteligentes, ela terminava todas as atividades muito rapidamente, ele demorava, pois revisava tudo bem lentamente. Certo dia eles se conhecem no parque. Ele fica observando ela, ela se aproxima e começa a conversa. Então resolvem brincar com seus animais de estimação - uma tartaruga e um cachorro. O menino fica receoso, a menina fica ansiosa pela interação da tartaruga e do cachorro. Ao fim, a tartaruga dá uma mordiscada no cachorro e as crianças dão risada. Nesta história, temos novamente uma pessoa do gênero masculino e uma do gênero feminino, em contradições de características. Também com características atípicas em relação às

representações de gênero. Meninas são definidas como calmas, que não dão muito trabalho, observadoras e meninos são definidos como agitados e ágeis, que cansam quem está cuidando deles. O livro da menina furacão e do menino esponja mostra o contrário disso, uma menina agitada e um menino recluso.

Figura 4: Capa do livro “A menina furacão e o menino esponja”

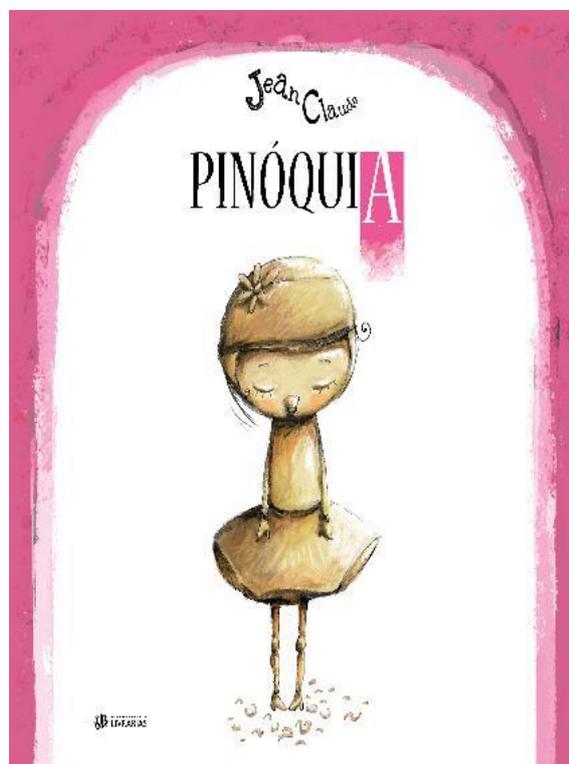


Fonte: Guia Digital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018 - Literário, 2018.

O quinto livro *Pinóquia* (Figura 5), escrito e ilustrado por Jean Claude, foi publicado no ano de 2017 pela editora Melhoramentos. Conta a história dos irmãos e da irmã do famoso boneco Pinóquio da clássica narrativa italiana "As aventuras de Pinóquio" de Carlo Collodi. Gepeto, o pai do, agora menino, Pinóquio, resolveu criar mais três bonecos de madeira para serem irmãos do boneco original. Entre eles estão dois bonecos e uma boneca. Os bonecos do gênero masculino queriam se divertir, brincar, ficar ricos e ter fama, enquanto a boneca Pinóquia queria e adorava estudar. O pai dos quatro ficava preocupado por ela não brincar. Mas a menina não se importava, ela gostava de estudar, de ler e de contar números. Ao fim da história, a Fada Azul aparece para transformar os bonecos em crianças de verdade, mas Pinóquia decide continuar como boneca, já que já possuía tudo o que desejava: ser inteligente e ter os dons da escrita e da fala. Este livro, ao contrário do *Molichas* e do

*A menina furacão e o menino esponja*, coloca a menina numa posição de certa, calma e de intelectualidade e os meninos em posição de brincalhões, agitados e ativos.

Figura 5: Capa do livro “Pinóquia”

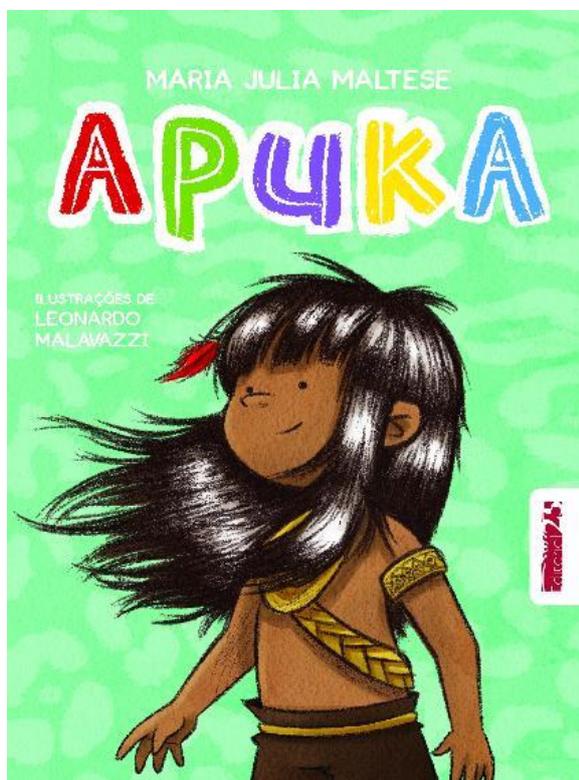


Fonte: Guia Digital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018 - Literário, 2018.

O sexto e último livro é *Apuka* (Figura 6), escrito por Maria Júlia Maltese e ilustrado por Leonardo Malavazzi, publicado pela editora Editorial 25. Nesta pesquisa foi analisada a 2ª edição, publicada em 2018. Este livro conta a história de uma menina indígena e seu dia a dia na aldeia em que mora. Seu nome é Apuka, que significa “Aquele que ri”, e assim é como Apuka é descrita, uma menina que vive sorrindo, que também é corajosa, forte, bonita e livre como um pássaro! Apuka também adora imaginar e questionar seu avô sobre várias coisas. Ela o questiona sobre as crianças que moram na cidade, se elas são felizes e livres como ela. Esta história, mostra um pouco das percepções indígenas sobre o gênero feminino, apesar de não citar tarefas destinadas exclusivamente a mulheres ou homens, o livro dá características para Apuka, que podemos interpretar como forma de representar mulheres. Podemos colocá-la no lugar de menina típica, já que ela tem todos os atributos mencionados,

mas é bonita. Além disso, na história, os lugares de liderança são representados por homens.

Figura 6: Capa do livro “Apuka”



Fonte: Guia Digital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018 - Literário, 2018.

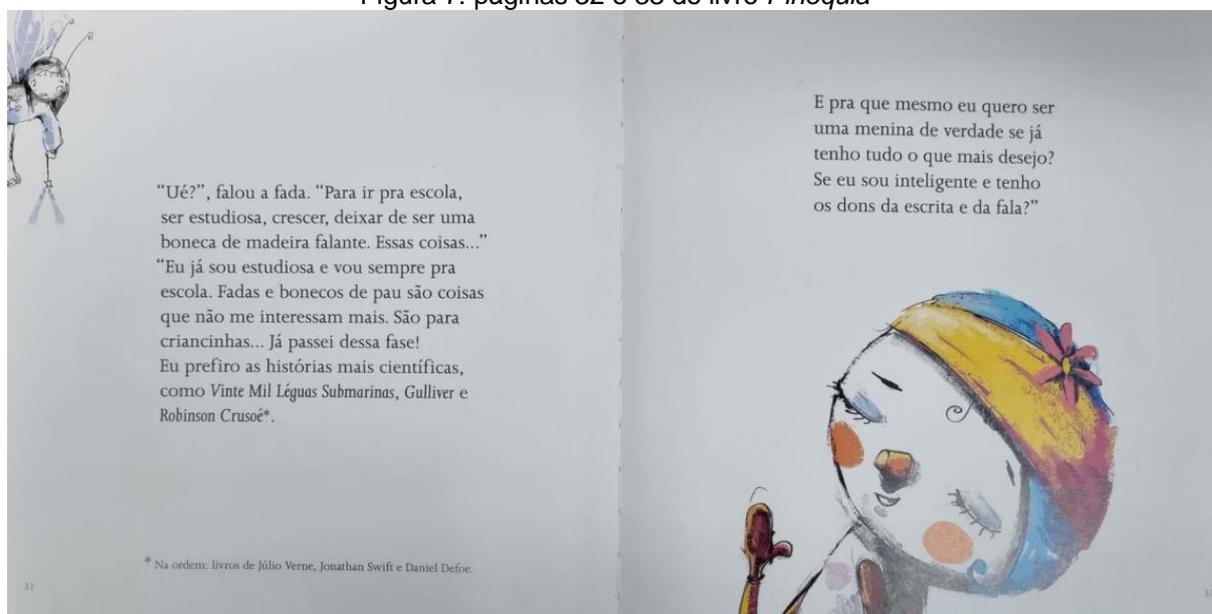
## 5. A ANÁLISE DOS LIVROS

E pra que mesmo eu quero ser uma menina de verdade se já tenho tudo o que mais desejo? Se eu sou inteligente e tenho os dons da escrita e da fala?  
(Jean Claude, 2017, p. 33)

Começo a análise com essa citação do livro "Pinóquia"(Autor, ano) que é um dos objetos de análise explorados nesta pesquisa. A epígrafe inicia o diálogo sobre como ainda há luta pelo espaço que pessoas do gênero feminino ocupam na sociedade. Ainda é esperado que não nos interessemos somente por estudos, segundo Botton, isso ocorre “[...] porque, em nossa sociedade que ainda cultiva os ideais patriarcais, não cabe às mulheres o reconhecimento do sucesso no campo intelectual, nem profissional, por exemplo.” (Botton, 2011, p. 61)

Em *Pinóquia* (Jean Claude, 2017), a exigência é para que ela largue um pouco de estudar para que ela brinque como uma criança, porém, durante toda a história nos é contado que ela gosta de contar, ler e escrever. Que adora ir às aulas, e nos recreios ficar sozinha lendo. Inspirada no bordão desta personagem, “*pra que*” insistir que ela faça algo que não gosta? Os outros personagens - todos do gênero masculino - continuam insistindo para que ela mude e deixe de ser “*metida*”, mas eles continuam fazendo o que gostam de fazer. A única que respeita sua decisão é a Fada Azul, que aparece ao final e entende que a boneca não quer virar menina (Figura 7).

Figura 7: páginas 32 e 33 do livro *Pinóquia*



Fonte: arquivo pessoal

Em outras histórias, como *Alafiá e a pantera que tinha olhos de rubi* (Tenório; Oliveira, 2015) e *Molicha* (Machado; Benevides, 2014), temos personagens mães colocadas como referências de cuidado, afeto e conforto. Em *Molicha*, quando fica doente, a menina fica em casa e o irmão vai sozinho à escola, “*Mamãe, como sempre, foi pra janela espiar ele indo pela rua [cuidado, mesmo de longe observando] (agora a gente já vai sozinho pelos três quarteirões que separam nosso edifício da escola). Fiquei ao lado dela, na pontinha dos pés.*” (p. 11)<sup>4</sup>. Em *Alafiá*, a história começa com a menina no colo da mãe, “*Na escuridão, ouviam-se os rugidos e uivos das feras famintas que rondavam a aldeia. E a menina Alafiá agasalhava-se nos braços de sua mãe*” (Figura 8) e ainda, quando parte para a aventura, estava se distanciando do “olhar vigilante da mãe”.

Figura 8: Páginas 8 e 9 do livro “Alafiá e a pantera que tinha olhos de rubi”



Fonte: Arquivo pessoal

Essas representações ainda estão presentes, porque ainda é destinado à mulher o privado e seu coração, o santuário do lar (Colling, 2004). Por mais que a menina em *Molicha* “fuja”, em partes, das representações de gênero - logo mais entraremos neste tópico -, tanto ela quanto a mãe ainda possuem esse sentimento de cuidado e afeto quando ficam lado a lado para observar o irmão. O livro reproduz um comportamento socialmente esperado das mulheres, reforçando para as leitoras e aos

<sup>4</sup> Nota Metodológica: Os excertos da narrativa dos livros infantis, quando incluídos no texto, estarão sempre em itálico, a fim de diferenciá-los da análise.

leitores, que é isso que se espera de uma mulher-mãe e a menina desde pequena já está aprendendo esta lição. Em *Alafiá* seu “coração” é testado e a menina é escolhida para receber a descoberta da iná (fogo), pois é uma “pequena criança de coração doce”.

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a ‘rainha do lar’, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, constituindo a vergonha da sociedade. (Colling, 2004, p. 24)

Em *Lorotas e Fofocas* (Ribeiro, 2013), o título já demonstra o que acontecerá no livro. Duas amigas que passam o dia fofocando sobre as pessoas do lugar em que moram, acabam com as lorotas depois que Sofia, uma mulher de vestido longo em tons rosa, faixa no cabelo e cachos perfeitos, segurando uma sombrinha, toda maquiada, aparece e recusa a fofoca, pois, “*Amigas, tenho muito o que fazer. O dia é precioso, não tenho tempo a perder!*” (Figura 9). Esta história mantém representações de gênero de que as fofoqueiras são só as mulheres, ainda mais, as mulheres mais simples. De que uma mulher que é bonita e esperta, sabe que não se deve perder tempo com isso. Para isso, Guizzo explica que, segundo Warner (1999) “‘tagarelar’ e ‘fazer fofoca’ desde há muito tempo atrelam-se ao feminino, o que acaba posicionando especialmente mulheres e meninas como ‘faladeiras’ e ‘fofoqueiras’”. (Guizzo, 2007, p. 42).

Figura 9: páginas 16 e 17 do livro *Lorotas e fofocas*



Fonte: arquivo pessoal

Nos livros selecionados existem dois com personagens principais, meninos e meninas, *Molicha* e *A Menina Furacão e o Menino Esponja (MF&ME)* (Brenman, 2017). Em *Molicha*, a menina gosta de atividades esportivas, de jogar videogame e odeia a cor rosa. Enquanto o menino gosta de música, de ler gibis de aventura e balé. Em *MF&ME* a menina é ágil, atlética, bagunceira, inteligente e inquieta. O menino é calmo, tímido, observador, recluso (Figura 10). A história deles chega ao fim quando eles encontram, um no outro, o equilíbrio entre suas formas de ser. Ambas as histórias tem personagens que quebram com as representações tradicionais de gênero, quando isso acontece,

Ao expor atitudes e comportamentos diferentes do que “naturalmente” se esperaria das figuras femininas, tais narrativas permitem que meninas e mulheres sejam consideradas corajosas, espertas e ativas, características que, normalmente, são aludidas ao universo masculino, embora, nas pesquisas das autoras [Vidal (2008a) e Vidal e Neuls (2006)], os finais tradicionais ainda prevaleçam nas narrativas. (Botton, 2011, p. 72)

Para além disso, as figuras masculinas nestas duas histórias também quebram com as representações clássicas de que meninos precisariam se “enquadrar” na masculinidade padrão de representação, “além de precisarem exaltar o tempo todo características como coragem, agilidade e força, precisam demonstrar explicitamente certa aversão a tudo aquilo que se aproxima da feminilidade e da homossexualidade.” (Guizzo, 2007, p. 41). Assim, os meninos dessas histórias, que gostam de atividades consideradas delicadas ou da ordem do feminino, como o balé, e são mais calmos, quebram com a lógica da representação de masculinidade hegemônica.

Figura 10: páginas 18 e 19 do livro *MF&ME*



Fonte: arquivo pessoal

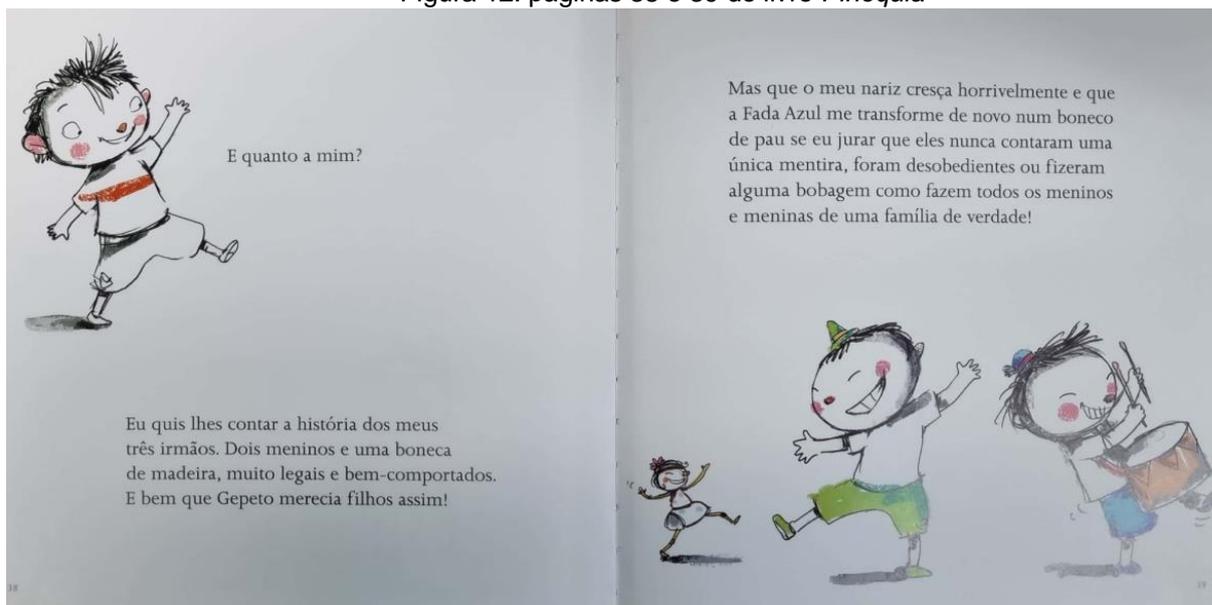
Em *Apuka* (Maltese, 2018) temos uma criança indígena, cujo nome é neutro, e que apresenta-se como criança. Digo isso, porque das tarefas que ela faz, as outras crianças da aldeia também fazem, todas brincam, tomam banho de rio e pescam. As figuras de referência, liderança e saber, são figuras masculinas, o avô - sábio - e os caciques - liderança - (Figura 11), segundo Colling (2004) os homens possuem o espaço público, político e onde centraliza-se o poder.

Figura 11: páginas 14 e 15 do livro *Apuka*



Fonte: arquivo pessoal

As cores nos livros foram um elemento visual notável. Em alguns, como *Pinóquia*, o rosa prevalecia, em outros como *Molicha* não. Em três dos seis livros, as cores utilizadas para representar pessoas do gênero feminino e do masculino, reforçam pensamentos de representações de gênero (Figura 12). Segundo Guerra (2007), a cor rosa demonstra calma, fragilidade e meiguice, já a cor azul demonstra intelectualidade, força e razão. Até mesmo os livros que não dividem em rosa e azul, tem uma divisão de cores para meninos e para meninas. Botton (2011) explica que cores suaves como rosa, roxo e amarelo dão uma aura de delicadeza e fragilidade, enquanto as meninas, geralmente estão com cores suaves nas histórias, os meninos estão com cores marcantes, como vermelho, verde e azul.

Figura 12: páginas 38 e 39 do livro *Pinóquia*

Fonte: arquivo pessoal

Outro ponto em relação à vestimenta é a presença de enfeites de cabelo. Em todas as histórias, com exceção de *Alafiá*, as personagens femininas possuem algum tipo de acessório nos cabelos: laços, flores, lenços, penas. Esses enfeites são maneiras de distinção entre gêneros, Botton explicita que “[...] roupas e seus adereços [são] como uma das mais importantes formas de linguagem não verbal, pois expressam características que entendemos como próprias de determinado sexo.” (Botton, 2011, p. 77).

Figura 13: páginas 10 e 11 do livro *Apuka*

Fonte: arquivo pessoal

Além dos enfeites de cabelo, em *Lorotas e Fofocas*, *Pinóquia* e *Alafiá*, as personagens do gênero feminino estão usando vestidos. Entendendo as roupas e formas de se vestir como uma forma de expressão da identidade, é possível considerar que:

A vestimenta é uma das mais importantes linguagens não verbalizadas. Por meio dela as pessoas se comunicam e se integram socialmente. Mas também é um instrumento de controle e exclusão social, um dispositivo orientado pelo comportamento mediante ao que é cultural e socialmente aceito (BAUDRILLARD, 1996 apud Martins; Hoffmann, 2007, p. 135)

Figura 14: páginas 6 e 7 do livro *Molicha*



Fonte: arquivo pessoal

Para concluir as análises, as observações detalhadas das imagens e dos textos se mostraram extremamente importantes para construir a percepção dos livros examinados. Esses elementos, tanto visuais quanto escritos, desempenham um papel crucial na potencialização e desconstrução das representações de gênero no senso comum. Dessa forma, foi possível identificar tanto concordâncias quanto divergências entre as obras analisadas, algumas sutis e outras mais acentuadas, revelando as nuances e complexidades presentes nas abordagens de cada livro. Assim, a pesquisa evidencia a importância de uma análise crítica e atenta para compreender as mensagens subjacentes nos materiais educativos que escolhemos como mais ou menos adequados para nossas salas de aula, compreendendo que os livros também ensinam modos de ser homem ou mulher neste mundo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A toca do coelho, no começo, alongava-se como um túnel, mas de repente abria-se como um poço, tão de repente que Alice não teve um segundo sequer para pensar em parar, antes de se ver caindo no que parecia ser um buraco muito fundo.

(Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas*)

Início esta seção final com uma frase de um dos livros que me inspiraram a procurar aventuras que tivessem meninas como personagens principais. Escolho esta frase de *Alice no País das Maravilhas* em específico, porque ela transmite meus sentimentos ao produzir meu trabalho de conclusão. Foi uma jornada difícil de começar, que por vezes assustava e surpreendia, e que nunca parecia ter um “fundo”. Mas assim como Alice, cheguei ao final do “buraco”.

Ao produzir minha pergunta inicial pretendia entender que representações de gênero estavam sendo produzidas na literatura infantil, mas mais ainda, quais eram as representações apresentadas nos livros, que chegavam, às crianças das escolas públicas brasileiras. A partir dela, levantei as hipóteses de que outras identidades de gênero ainda não aparecem na literatura infantil e que representações que já estavam presentes não seriam reproduções típicas. As hipóteses se concretizaram ao perceber que as identidades de gênero representadas - em quase todos os livros - se mantêm as mesmas, ou seja, as meninas são posicionadas como dóceis e frágeis, não afeitas a atividades que exigem força ou inteligência em relação aos meninos isso aparece de forma oposta. Esta situação sendo constantemente apresentada e reapresentada nos livros infantis e lidas para as crianças ou pelas crianças, vão reforçando para elas que é assim que elas devem ser, tornando difícil romper com este ciclo alimentado pelo patriarcado. Apesar disso, existem mudanças nas formas como são representados os pertencimentos de gênero em alguns livros, como foi possível observar em *Molicha* e *Menina Furacão* e *Menino Esponja*.

Meu objetivo geral foi analisar as representações de gênero e seus significados a partir das narrativas e ilustrações em livros literários selecionados do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) Literário. Dele surgiu o objetivo específico: perceber se os livros apresentam rupturas com os modelos mais tradicionais de representação de gênero, e se outros modos de dizer sobre o feminino vêm se colocando na literatura. Assim, foi possível concluir que nas representações

de gênero presentes na literatura infantil do PNLD existem permanências e rupturas quanto aos modelos tradicionais de representação.

Permanências, porque ainda se pensa nas divisões de feminino e masculino clássicas. Permanências, porque mulheres e meninas ainda são representadas como maternais, responsáveis pelos sentimentos e atitudes de conforto e cuidado. Permanências, porque somente homens são colocados em posições de liderança e políticas. Mesmo quando meninas e mulheres fogem das representações tradicionais, ainda são representadas usando roupas com cores claras, vestidos e saias, com brincos e enfeites de cabelo, então por mais que sejam corajosas, fortes e ágeis, ainda são representadas para parecerem delicadas e frágeis. O mesmo acontece com os meninos sensíveis e delicados. Permanências também, porque o exemplo ideal ainda é colocado como uma mulher linda, arrumada e agradável. Rupturas, pois apesar de todas as permanências, já há meninas representadas como inteligentes, capazes, brincalhonas, ágeis, divertidas, espertas e livres.

Destaco que para este trabalho precisei manter um foco, e infelizmente não pude analisar questões de representatividade de meninas e meninos negros relacionados com gênero, nem refletir mais profundamente sobre questões de transgeneridade e como isso está - ou não - presente na literatura infantil. Ainda assim, pude perceber a pouca representatividade de meninas e meninos racializados, negros e indígenas, representados principalmente em livros que objetivam mostrar algum fato da cultura. É preciso ter investimentos e escritas sobre crianças racializadas, ampliando o número de livros de literatura infantil que contemplem a diversidade racial, assim como há muitas histórias com crianças brancas protagonistas. Sejam narrativas com aventuras, sobre irmãos ou brincar no parquinho, atividades cotidianas. Nos livros que analisei, não há nenhuma representatividade transgênera ou não-binária, as histórias seguem mantendo a lógica binária da representação de gêneros, o feminino e o masculino, ou melhor, o feminino em contraposição com o masculino. Essas considerações indicam a necessidade e o desejo de seguir pesquisando no futuro.

Acredito que esta pesquisa pode ir muito além; sinto como se estivesse caindo novamente no interminável buraco do coelho branco, em busca de algo mais profundo. Identificar não apenas a possibilidade, mas a necessidade de que outros livros de literatura infantil que rompam com as representações clássicas de gênero sejam descobertos e trazidos à luz. Esses livros, que podem estar ocultos ou ainda não

escritos, são essenciais para ampliar as possibilidades de representações apresentadas às crianças sobre o mundo, oferecendo-lhes narrativas que refletem a verdadeira diversidade de experiências e identidades. Precisamos encontrar essas histórias e garantir que elas cheguem às mãos das crianças, para que possam crescer em um mundo onde todas as formas de ser são valorizadas e celebradas.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias. **Revista Signo**, Lajeado, v. 20, n. 1, p. 92-102, dez. 1999.

BOLTEN, Vitória Tiggemann. **Representações do feminino**: a literatura infantil de guerra aos estereótipos de princesas ocidentais clássicas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Licenciatura em Pedagogia, Porto Alegre, 2019.

BOTTON, Andressa. **"E o prêmio vai para..."**: os estereótipos de gênero nos livros infantis premiados na última década. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia, Pós-Graduação Psicologia Social, Porto Alegre, 2011.

BRASIL, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Histórico**. [S.l.]: Ministério da Educação, 01 jan. 2010. Atualizado em 10 dez. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/biblioteca-na-escola/historico>. Acesso em: 13 ago. 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 27 jan. 2024.

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>. Acesso em: 27 jan. 2024.

CADEMARTORI, Lígia. Literatura Infantil. In: Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil>. Acesso em: 8 Nov. 2023.

CHAVES, Rosa Silvia Lopes. **Meninas Negras na Literatura Infantil**: infâncias, identidades e representatividades. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Humanas, Guarulhos, 2023.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados - Ms: Ed. Ufgd, 2014. 114 p.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36–61, mai. 2003.

COSTA, Vanessa Rosa da. **Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio

Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2020.

DESTEFANE, Kelly Stedile. **A representação da figura feminina em contos populares e em narrativas infantis contemporâneas**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, Vacaria, 2023.

DUARTE, Constância Lima (org.). **Escrevivências. Identidade, Gênero e Violência na Obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.

FERREIRA LISBÔA FILHO, F.; DA SILVA NUNES, L. Análise cultural-midiática e análise textual: a construção de um caminho metodológico para investigações audiovisuais. **E-Compôs**, [S. l.], v. 26, 2023. DOI: 10.30962/ec.2820. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2820>. Acesso em: 16 ago. 2024.

GERHARDT, T. E., SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

GOMES, Fabiana de Oliveira. **Recontando clássicos sob a ótica dos estudos de gênero**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Litoral Norte, Licenciatura em Pedagogia, Tramandaí, 2022.

GUERRA, C. Menino brinca de boneca e menina de carrinho?. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008. DOI: 10.14393/REP-2007-19890. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19890>. Acesso em: 12 ago. 2024.

GUIZZO, B. S. Identidades de Gênero Masculinas na Infância e as Regulações Produzidas na Educação Infantil. **Revista Ártemis**, [S. l.], n. 6, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/2123>. Acesso em: 12 ago. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva. **O mundo na caixa: gênero e raça: no Programa Nacional Biblioteca da Escola: 1999**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

MARTINS, Eliécília de Fátima; HOFFMANN, Zara. Os Papéis de Gênero nos Livros Didáticos de Ciências. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 132-151, jan-jun, 2007. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/ensaio/article/view/9975>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves, (organizadoras). **Metodologias de Pesquisas Pós-críticas em Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

NUNES, Marília Forgearini. Ler literatura infantil é ler o que?. In: NUNES, Marília Forgearini et al. **Ler para mediar: a literatura infantil em roda**. São Paulo: Pimenta cultural, 2022. p. 54-67. Ebook Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/ler-mediador/>. Acesso em: 9 Ago. 2024.

PENN, G. (2002). Análise semiótica de imagens paradas. Em: M. W. Bauer; G. Gaskell. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. (3ª Ed.). Petrópolis: Ed. Vozes.

RAMOS, Edimauro Matheus Carriel; GONÇALVES, Aracely Mehl. Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v.6, n.2, p. 237 - 241, Jul./Dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/8522/5693>. Acesso em: 14 mar. 2024.

RAMOS, Flavia Brocchetto; NUNES, Marília Forgearini. **Ler Imagem também é Ler Literatura**. Interletras, ISSN nº 1807-1597. V.5, Edição número 23, 2016.

ROCHA, Roseli Meira Gomes. **A Re/des/construção da identidade feminina em narrativas infantis e juvenis de Ana Maria Machado**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras: cultura, educação e linguagens. Vitória da Conquista, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, 1995. p. 71-99.

SEGALA, Ivonete; JULIANO, Dilma Beatriz. Literatura destinada às crianças: uma possível discussão de gênero. **Revista Memore**, Tubarão, v. 6, n. 1, p. 36 - 53, Jan./Jun., 2019. Disponível em: [https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare\\_grupep/articloe/view/7905/4480](https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/memorare_grupep/articloe/view/7905/4480). Acesso em 14 mar. 2024.

SILVA, Aline Eloisa da. **Representações de gênero na literatura infantil de quatro livros do PNBE**. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Docência na Educação Infantil) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000b. p. 73-102.

TAVARES, Evelize Cristina Cit. **Gênero e sexualidade na literatura infantil: mapeando resistências**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Curitiba, 2009.

### **Referências dos Livros Infantis**

ALPHEN, Jean-Claude R.. **Pinóquia**. 1ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017.

BRENMAN, Ilan. **A Menina Furacão e o Menino Esponja**. 1ª ed. São Paulo: Trioleca Casa Editorial, 2017.

MACHADO, Luiz Raul. **Molicha**. 1ª ed. São Paulo: Globo, 2014.

MALTESE, Maria Julia. **Apuka**. 2ª ed. São Paulo: Editorial 25, 2018.

RIBEIRO, Nye. **Lorotas e Fofocas**. 1ª ed. São Paulo: Roda Viva, 2013.

TENÓRIO, Marcel; OLIVEIRA, Theo de. **Alfiá e a Pantera que Tinha Olhos de Rubi**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Agência O Globo, 2018